

**Discurso de posse de Auto Filho  
no cargo de Secretário de Cultura  
do Governo do Estado do Ceará  
(05.01.2007)**

---

A rica diversidade sociopolítica e cultural das pessoas aqui presentes e o simbolismo deste lugar – o palácio do governo – torna este encontro mais do que um simples rito de passagem. Se o objetivo oficial desta solenidade é promover a transmissão dos cargos de secretário titular e secretário adjunto de cultura do governo do Estado do Ceará, até então ocupados por nossas antecessoras Cláudia Leitão e Lúcia Cidrão, para mim e minha colega jornalista Delânia Azevedo, o seu significado transcende a formalidade oficial.

Há neste ato honra e generosidade. Honra por termos, Delânia e eu, merecido a confiança do governador Cid Gomes, aqui representado pelo vice-governador Francisco Pinheiro. Generosidade por termos como testemunhas homens e mulheres portadores de biografias ilustres e elevada representação social e política.

Mas, há também, neste ato, um paradoxo dialético. Registra a história literária do Ceará que, em 1813, nasceu, nos jardins do palácio do governador, os **outeiros** – reuniões de artistas e intelectuais para a leitura de odes e ditirambos à ordem dominante. Nós, e com certeza, também os senhores e as senhoras, estamos aqui para selar um compromisso bem diferente.

“A arte, como a ciência – dizia o meu mestre Leon Trotsky -, não exige ordens e, pela sua própria essência, nem sequer as tolera. A criação artística tem suas leis, mesmo quando ela serve conscientemente a um movimento social. A arte revolucionária, tal como qualquer atividade verdadeiramente criadora, é incompatível com a mentira, a falsidade e o espírito de acomodação. Os poetas, os pintores, os escultores, os músicos, os cineastas encontrarão por si mesmos os caminhos e os métodos, se o movimento emancipatório das classes e dos povos oprimidos dissiparem as nuvens do ceticismo e do pessimismo que atualmente obscurecem o horizonte da Humanidade”.

De um ponto de vista geral, o homem exprime na arte a exigência da harmonia e da plenitude da existência – ou seja, os bens mais preciosos de que a sociedade de classe o priva. Por isso, qualquer obra de arte autêntica, como a filosofia verdadeira e a gaia ciência, transportam sempre consigo um protesto contra a tristeza ou a injusta da realidade presente.

Portanto, neste jardim do futuro palácio do governo, nós, militantes do **partido da cultura**, recusamos voltar aos **outeiros**. Nossa ancestralidade - se quisermos permanecer na lembrança de nossa história artístico-literária - começa na década de 1870, quando, em plena era imperial, surge no Ceará,

nas palavras do historiador José Ramos Tinhorão, “uma geração de homens capazes de discutir, no mesmo plano dos núcleos intelectuais da Corte, as mais recentes conquistas da ciência ou as últimas modas filosóficas e literárias” da Europa.

Nessa perspectiva, o paradoxo dialético se transforma em superação dialética. Hoje, a inspiração criativa nos desafia a refundar aquele espírito internacionalista da cultura cearense: devemos substituir o **complexo transoceânico**, de que falava Capistrano de Abreu, pelo **espírito bolivariano** que inspira nossos irmãos e irmãs rebelados da América Latina. O Ceará – e, particularmente, esta **Fortaleza Bela** da *loura desposada do povo* – devem fazer cumprir o artigo 5º da Constituição federal, que proclama a necessidade de engajar o Brasil na construção da comunidade de povos e nações da Latinoamerica de José Martí, Diego Rivera, Frida Khalo, José Carlos Mariatégue, Glauber Rocha, Eduardo Galeano, Zumbi dos Palmares, Chico Mendes, Patativa do Assaré, Florestan Fernandes, Gilberto Gil, Dom Pedro Casadálga, João Pedro Stédile, Hugo Chávez, Evo Morales e tantos outros de uma lista exemplar interminável.

Uma política cultural de estado que guarde fidelidade ao sentimento expresso simbolicamente na pluralidade desses nomes e que aspire manter fidelidade às melhores tradições estéticas do Ceará deve centrar sua operação numa gestão cultural **democrática e republicana** fundada no princípio de que a cultura é um **direito fundamental de cidadania** e não uma simples atividade econômica, regida pelos imperativos do mercado.

Nessa perspectiva, **Gestão cultural democrática** significa, para nós, que a Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará tomará as grandes decisões programáticas:

- 1º) em *diálogo permanente* com todas as instituições culturais e acadêmicas da sociedade;
- 2º) em *diálogo permanente* com o jornalismo cultural;
- 3º) em *diálogo permanente* com as personalidades artísticas, literárias e científico-técnicas de nossa terra.

**Gestão cultural republicana** significa, para nós, que a Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará terá como fundamento os princípios constitucionais da administração pública brasileira: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. Nem preferências, nem exclusões. Universalidade e transparência.

Na efetivação dessa política de gestão democrática e republicana, Delânia Azevedo e eu não cultivaremos a intenção presunçosa e tola de reinventar a roda. O solo institucional dessa política já foi adubado por todos aqueles e todas aquelas que nos antecederam no exercício do cargo, cada um e cada uma a seu modo. Como forma de homenagem, citaremos seus nomes: Cláudia Leitão, Nilton Almeida, Paulo Linhares, Augusto Pontes, Violeta Arraes, Barros

Pinho, Joaquim Macedo, Eduardo Campos, Denizard Macedo, Ernando Uchôa Lima e Raimundo Girão.